

CASAMENTO E FAMÍLIA: ENCANTAMENTO E OBRIGAÇÕES

Elben César



ELBEN CÉSAR

CASAMENTO E FAMÍLIA: **ENCANTAMENTO E OBRIGAÇÕES**

CASAMENTO E FAMÍLIA: ENCANTAMENTOS E OBRIGAÇÕES

SÉRIE 45 ANOS

Categoria: Casamento | Família | Vida cristã

Copyright © Editora Ultimato

Todos os direitos reservados

Primeira edição eletrônica: *Maio de 2013*

Capa: *Ana Cláudia Nunes*

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO
E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PELA

EDITORIA ULTIMATO LTDA

Caixa Postal 43

36570-000 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500 — Fax: 31 3891-1557

www.ultimato.com.br

SUMÁRIO

PARTE 1

Casamento — beleza e transcendência

Por que nos casamos?

Repúdio e Novo Casamento

PARTE 2

Casamento: parceria completa

O casamento na era patriarcal

Abraão e Sara

Isaque e Rebeca

Jacó e Raquel

PARTE 3

Casamento: encantamento com obrigações e obrigações com encantamento

Felicidade e fidelidade no casamento — o que é mais importante?

A Oração e os problemas conjugais

APRESENTAÇÃO

A série “45 Anos” coloca à disposição dos leitores uma seleção de títulos em formato digital (e-book), dedicados à celebração de datas especiais em 2013.

Casamento e Família – Encantamento e Obrigações quer celebrar e reafirmar o casamento e a família como projetos inaugurados pelo próprio Deus. Lembra os casamentos dos tempos bíblicos e os desafios da família nos nossos dias. Mostra a beleza e os compromissos, fala de sexualidade e de renúncia, de conflitos conjugais e de espiritualidade. Os textos aqui reunidos foram publicados originalmente na revista *Ultimato*

Casamento e Família – Encantamento e Obrigações é o quarto e-book da série “45 Anos”, inaugurada com *Era uma Vez um Natal sem Papai Noel*, um devocionário para o mês de dezembro. O segundo título da série, *Igreja Evangélica – identidade, unidade e serviço*, publicado em fevereiro, lembra o legado e a influência do bispo Robinson Cavalcanti; e, em abril, com terceiro volume da série, *Nem Tudo é Sexta-Feira*, celebramos e entendemos melhor a Páscoa cristã.

Os editores

PARTE 1

CASAMENTO — BELEZA E TRANSCENDÊNCIA

Sob o ponto de vista cristão e bíblico, o casamento é uma instituição natural, inaugurada por Deus logo após a criação do homem e da mulher, que une duas pessoas de sexos diferentes, para viverem em companhia agradável, até que a morte ou a infidelidade contumaz e irreversível de um ou de ambos os cônjuges os separe, com a finalidade saudável de perpetuar a espécie e passar para os filhos as idéias de um Deus não criado, Todo-poderoso, criador e sustentador de todas as coisas visíveis e invisíveis, Senhor e amigo do homem.

Assim posto, o casamento é de origem divina, heterossexual, monogâmico, estável e, salvo casos raríssimos (os que detêm da parte de Deus o dom do celibato espontâneo), indispensável para a realização interior do homem e da mulher.

Qualquer comportamento diferente indica a intromissão do pecado original provocado pela queda do homem e do pecado atual e pessoal.

A prova disso é que, já em Gênesis, encontram-se várias aberrações progressivas, à luz da organização inicial do matrimônio: o início da poligamia (4.19), o início da libertinagem (6.2), o início da sodomia (19.5), o início da relação sexual entre pai e filhas (19.30-38), o início do estupro (34.2), o início da relação sexual entre enteado e madrastra (35.22), o início da prostituição (38.12-19) e o início do desrespeito aos compromissos conjugais (39.7-20). Só não se menciona algum caso de bestialidade (prática sexual com animais), que, talvez, já tivesse acontecido, já que um dos mandamentos de Deus proíbe que alguém se deite com animais (Lv 18.23). Jesus Cristo engloba todas essas “novidades” na área do sexo como “relações sexuais ilícitas” (Mt 5.32), expressão que aparecerá outra vez por ocasião do concílio de Jerusalém (At 15.20, 29).

Salvo essas “relações sexuais ilícitas”, o que fica é o sexo lícito — a relação inteira de um homem com sua esposa ou de uma mulher com o seu esposo, em todas as áreas, inclusive na troca de experiências sexuais, sempre que desejadas, não importando se delas virá ou não uma gravidez.

É preciso perder a noção multissecular aberta ou oculta no mais fundo da consciência humana de que a relação *lícita* é algo menos santo, ou apenas permitido ou tolerado por Deus. O desejo de acariciar, apalpar, despir e manter um intercurso sexual com o cônjuge é natural, faz parte da criação de Deus e antecede a queda da raça humana (Gn 2.24). É natural para ambos os sexos, não apenas para o homem. O que faz a grande diferença entre relações sexuais ilícitas e relações sexuais lícitas, sem as inovações antinaturais, é o matrimônio.

POR QUE NOS CASAMOS?

Passados centenas de séculos, ainda recebemos bonitos e originais convites de casamento, alguns deles carregados de romantismo.

Afinal, por que continuamos a nos casar, a despeito de alguns pronunciamentos esdrúxulos que se lê nas revistas e se ouve na televisão, aqui e acolá, tanto de pessoas fúteis como de pessoas de formação acadêmica, ambas sem orientação religiosa e temor do Senhor?

AMOR

Ainda nos casamos por causa do *amor*, que é o sentimento que predispõe duas pessoas de sexo oposto a se aproximarem e a permanecer juntas. Segundo o *Dicionário técnico de psicologia*,

amor é aquele sentimento “cuja característica dominante é a afeição e cuja finalidade é a associação íntima de outra pessoa com a pessoa amante”. Evidentemente, esse amor está ligado de forma íntima à sexualidade humana, como ensina a psicanálise e como se pressupõe na própria Bíblia. Um provérbio francês diz que “o amor é o como sarampo, todos temos de passar por ele”. O amor é mais do que a mera amizade. Daí a frase de La Bruyère: “Quando o amor nos visita, a amizade se despede”.

Embora fosse um casamento arranjado, a Bíblia diz que Isaque amou a Rebeca (Gn 24.67).

É conhecidíssima a história de que Jacó amou a Raquel com tal intensidade que trabalhou 14 anos para o sogro a fim de tê-la como esposa (Gn 29.18 e 30). As Escrituras ainda registram o amor de Mical, filha de Saul, por Davi (1 Sm 18.20) e o de Elcana por Ana (1 Sm 1.5).

A paixão é o amor elevado ao seu mais alto grau de intensidade, podendo sobrepor-se à lucidez e à razão. Não é o caminho mais indicado para o casamento, porque é imediatista e simplifica tudo. Na paixão, o sexo fica sozinho e impera à sua maneira, sem outras evidências de amor, como aconteceu com Amnom, que violentou a mulher pela qual se dizia enamorado e, depois, mandou-a embora.

PARCERIA

Ainda nos casamos por causa da *parceria*. Não fomos criados para permanecer sozinhos. São clássicas e reveladoras as conhecidas palavras de Deus a respeito da criação da mulher: “Não é bom que o homem viva sozinho. Vou fazer para ele alguém que o ajude como se fosse a sua outra metade” (Gn 2.18, BLH). O amor, e a sexualidade em seu bojo, não é a única razão do casamento, ainda que muito forte. A união das duas metades para formar uma só carne não se faz apenas por meio do sexo. Isso enfraqueceria o casamento e o tornaria vulnerável. O matrimônio é uma associação de idéias, de vontade, de propósitos, de alvos, de religião, de sacrifícios, de derrotas, de vitórias, de sangue e suor. Em torno

da criação e educação dos filhos. Em torno da fé. Em torno da economia do lar. Em torno da saúde da família. Em torno do trabalho. Em torno do lazer. Em torno da felicidade coletiva.

A associação é pequena a princípio, mas pode aumentar para três, para quatro, para cinco ou para mais pessoas (os pais e os filhos). A associação não significa igualdade de temperamentos, de aptidões, de energia e de gostos. Mas significa obrigatoriamente ideais comuns, buscados a dois. Essa parceria, preparada desde a eclosão do amor antes do casamento (namoro e noivado), uma vez preservada e abastecida, talvez dê mais força ao casamento do que o amor em si.

SANTIDADE

Ainda nos casamos por causa da *santidade pessoal*. Tanto a sexualidade como a sede interior de Deus são características de nascença. Uma não precisa machucar a outra. Zacarias e Isabel “eram justos diante de Deus e irrepreensíveis em todos os preceitos e mandamentos do Senhor” (Lc 1.6). Mas isso nunca os impediu de ter relações sexuais, mesmo depois da velhice, quando Deus curou a esterilidade de Isabel para ela dar à luz a João Batista, o maior “entre os nascidos de mulher” (Lc 7.28).

Além da razão dada pelos cientistas a favor de uma união monogâmica, heterossexual e estável — evitar as doenças sexualmente transmissíveis e o temível HIV —, os cristãos têm o compromisso de não prejudicar o seu relacionamento com Deus por meio de uma relação sexual promíscua.

“Por causa da impureza”, ensina o apóstolo Paulo, “cada um tenha a sua própria esposa, e cada uma, o seu próprio marido” (1 Co 7.2). Talvez Paulo tenha se inspirado naquele provérbio de Salomão: “Beba a água da tua própria cisterna e das correntes de teu poço” (Pv 5.15).

Para ficarmos sob a proteção das normas e não sob o bombardeio dos ímpetos, nós nos obrigamos a homologar a lei de Deus, juntando-nos dentro de um acordo de exclusividade e fidelidade mútuas.

Santidade é aquele estilo de vida que não fere os mandamentos e imita o Senhor: “Sede santos, porque Eu sou santo” (1 Pe 1.16). Em todas as áreas. Inclusive na área da sexualidade. É por isso que Paulo diz que os solteiros e os viúvos, tanto do sexo masculino como do sexo feminino, “caso não se dominem, que se casem, porque é melhor casar do que viver abrasado” (1 Co 7.8-9).

REPÚDIO E NOVO CASAMENTO

POR QUE O JUDEU SAARAIM REPUDIOU SUAS DUAS ESPOSAS E SE CASOU DE NOVO?

Está registrado na Bíblia que certo judeu da tribo de Benjamim chamado Saaraim repudiou suas mulheres Husim e Baara e se casou de novo com Hodes, da qual teve sete filhos (1 Cr 8.8). A razão pela qual ele fez isso não é revelada. À luz do Sermão do Monte, a única justificativa aceitável para tal comportamento seria a prática de relações sexuais ilícitas da parte das primeiras mulheres de Saaraim (Mt 5.32).

Hoje em dia, o repúdio é praticado tanto pelo esposo como pela esposa, talvez mais por iniciativa daquele do que desta.

Por que uma esposa rejeita seu marido? Por que um marido rejeita sua esposa?

As razões são inúmeras e por vezes muito complexas. Vão desde o choque de temperamentos até o adultério.

A sensibilidade feminina não suporta por muito tempo maridos brutos, bêbados, malandros, egoístas, explosivos e paqueradores. A sensibilidade masculina não suporta por muito tempo esposas desleixadas, ciumentas, gastadeiras, impacientes, briguentas e mandonas.

Não há casamento que tolere infidelidade não confessada e repetida, tanto do esposo como da esposa. O mesmo acontece quando a preferência sexual dos cônjuges é homossexual.

A enfermidade crônica do esposo ou da esposa, ainda que provoque grandes problemas, não deveria acabar com o matrimônio. Mas isso só acontece quando o amor conjugal “é forte como a morte” (Ct 8.6) e o desprendimento alcança níveis muito altos.

Casamentos costumam acabar quando há demasiada interferência da parte dos pais dos esposos ou quando estes se mantêm demasiadamente carentes de pai e mãe e demasiadamente apegados a eles.

Quando não há perdão mútuo, também não há continuidade no casamento. Porque os cônjuges não são perfeitos e sempre cometem injustiças em seu relacionamento. Os choques de temperamento, de formação e de herança genética só serão superados por meio de tolerância e perdão de ambos os lados.

Outro imprevisto que pode balançar o casamento é a esterilidade feminina ou masculina. Essa foi a experiência de Abraão e Sara, Jacó e Raquel, Elcana e Ana. Em alguns casos, o problema é inverso. O número alto demais de filhos pode esgotar a saúde da mulher e abalar a economia doméstica.

A solução não é o repúdio e o novo casamento. Primeiro, porque isso é contrário à lei de Deus e ao bom senso, além de custar um preço muito alto para os cônjuges e para os filhos. Segundo, porque, sem as necessárias correções, que poderiam salvar o primeiro casamento, o matrimônio seguinte continua a correr o mesmo risco de acabar. Antes de se encontrar com Jesus Cristo, junto à fonte de Jacó, a mulher samaritana tinha sido repudiada por cinco diferentes maridos (Jo 4. 17-18).

O que evita de fato o repúdio são a santidade de vida e a prática do amor intenso de ambos os cônjuges – o amor de 1 Coríntios 13: paciente, bondoso, “que tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”. É como afirmam os Provérbios (10.12) e a Primeira Epístola de Pedro (4.8): “O amor cobre multidão de pecados”.

PARTE 2

CASAMENTO: PARCERIA COMPLETA

Como ideal a ser levado a sério e bem usufruído, o casamento é um contrato de parceria de duração contínua, assumido espontaneamente entre um homem e uma mulher, por força e obra daquele sentimento que acompanha o ser humano desde a criação, a que se dá o nome de amor.

Casamento não é dominação de um sobre o outro. Nem dele nem dela. É parceria. Parceria a vida inteira. Parceria total. Parceria em tudo:

*Na troca de atenções
Na manutenção da paz
Na liberdade da queixa
Na generosidade do perdão
No progresso da cordialidade*

*Na economia do lar
No governo da casa
Nas responsabilidades domésticas
Nas compras e nas vendas
Na eventualidade das mudanças*

*No traçar dos alvos
Na sementeira prolongada
Na colheita dos frutos
Na alegria e na fartura
Na adoração e nas ações de graça*

*No planejamento familiar
Na realização sexual
Nos nomes dados aos rebentos
Na educação dos filhos
No exemplo a ser mostrado*

*Na devoção religiosa
Na santificação do lar
No aperfeiçoamento do caráter
Na privação da soberba
Na caminhada rumo à plenitude da salvação*

*Nos cuidados com a saúde
No sofrimento da doença
No derramar das lágrimas
No enfrentamento da morte
Na maneira de lidar com as perdas*

Um casamento assim, caracterizado pela parceria a vida inteira, pela parceria total, chega aos 25 anos, chega aos 30 anos, chega aos 50 anos, chega aos 70 anos, como o do arquiteto Oscar Niemeyer. Em um casamento assim, comemoram-se todas as festas de aniversário da união: as bodas de madeira, estanho, cristal, porcelana, prata, pérola, coral, esmeralda, rubi, ouro,

diamante, ferro e brilhante. Um casamento assim, só a morte acaba com ele.

Em alguns casos, nem a morte acaba com o casamento: antes de morrer no início de maio, o jurista e acadêmico Raymundo Faoro, de 78 anos, determinou que os restos mortais de sua esposa Pompéia fossem colocados no mesmo caixão, na altura de sua cabeça.

A parceria é uma estratégia essencialmente cristã, apropriada não só para a relação *conjugal* (entre o marido e a esposa), mas também para a relação *familiar* (entre pais e filhos, avós e netos, tios e sobrinhos, irmão e irmão, primo e primo) e para a relação *eclesial* (entre pessoas ligadas entre si não pelo sangue, mas pela adoção, por terem recebido graciosamente o “direito de se tornarem filhos de Deus”).

A prática da parceria é explícita na teologia do Novo Testamento. A expressão “uns aos outros” aparece várias vezes nas Epístolas de Paulo, Pedro e João:

“Amem-se sinceramente *uns aos outros*, porque o amor perdoa muitíssimos pecados” (1 Pe 4.8).

“Dediquem-se *uns aos outros* com amor fraternal” (Rm 12.10).

“Aceitem-se *uns aos outros*, da mesma forma que Cristo os aceitou, a fim de que vocês glorifiquem a Deus” (Rm 15.7).

“Consolem-se *uns aos outros* com essas palavras” (1 Ts 5.18, quando Paulo se refere à ressurreição dos mortos e à súbita transformação dos vivos por ocasião da parúsia).

“Vivam em paz *uns com os outros*” (1 Ts 5.13).

“Levem os fardos pesados *uns dos outros* e, assim, cumpram a lei de Cristo” (Gl 6.2).

“Exortem-se e edificuem-se *uns aos outros*, como de fato vocês estão fazendo” (1 Ts 5.11).

“Sirvam-se *uns aos outros* mediante o amor” (Gl 5.13).

“Sirvam *uns aos outros*, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus” (1 Pe 4.10, ARA).

“Pratiquem a hospitalidade *uns com os outros*, sem murmurar (1 Pe 4.9, EP).

“Tenham uma mesma atitude *uns para com os outros*” (Rm 12.16).

“Deixemos de julgar *uns aos outros*. Em vez disso, façamos o propósito de não colocar pedra de tropeço ou obstáculo no caminho do irmão” (Rm 14.13).

“Sejam humildes *uns para com os outros*” (1 Pe 5.5).

“Saúdem *uns aos outros* com beijos de santo amor” (1 Pe 5.14).

A parceria a vida inteira, a parceria total, começa no amor, trafega pela renúncia, exterioriza-se no beijo — aquele gesto singelo, incontido e inefável — e afasta para sempre a idéia, o desejo e a necessidade da separação e do divórcio!

O CASAMENTO NA ERA PATRIARCAL

Na linguagem religiosa e em sentido restrito, o nome patriarca é dado aos três primeiros pais da nação de Israel: Abraão, Isaque e Jacó. Chama-se de era patriarcal o período de tempo que começa com o nascimento de Abraão na Mesopotâmia e termina com a morte de Jacó no Egito. A história toda enche uns 300 anos e ocupa mais de três quartos do primeiro livro da Bíblia (Gênesis 12 a 50). A data precisa é difícil de estabelecer, mas alguns estudiosos colocam-na na metade da Idade do Bronze, entre os anos 1.900 a 1.600 a.C.

Em nenhum outro lugar da Bíblia há tantas informações sobre problemas conjugais como na história familiar de Abraão e Sara, Isaque e Rebeca, e Jacó e Raquel. Os detalhes são numerosos e muito esclarecedores. Nada é escondido. Os atritos entre marido e mulher, entre esposa e concubina, entre sogro e nora, entre genro e sogro, entre pais e filhos, entre irmãos e irmãs são narrados exaustivamente.

Problemas provocados pela esterilidade feminina, pela poligamia, pela inveja, pela vingança, pelas decisões precipitadas, pelo favoritismo, pelas trapaças mútuas, por escândalos sexuais graves, pelo estupro, pelo risco de perder a esposa em favor de outro homem, pelo controle da natalidade, pela viuvez e pelo novo casamento vêm à tona com a maior clareza possível.

No bojo de toda miséria humana há também lances admiráveis, como o amor sincero e sacrificial, a prática do perdão, a firmeza de caráter, a solicitude, o aprendizado e o crescimento na fé em Deus e na comunhão com Ele.

Na verdade, os casamentos da era patriarcal são um precioso laboratório de pesquisa para quem quer melhorar o seu matrimônio. Basta tomar conhecimento dos erros cometidos por seus personagens e fechar corajosamente as portas para eles.

Verifique a exatidão destas palavras nos artigos a seguir.

ABRAÃO E SARA

PROBLEMAS CONJUGAIS PROVOCADOS PELA BELEZA, PELA ESTERILIDADE E PELA PRECIPITAÇÃO

O mais famoso ancestral dos judeus, dos cristãos e dos muçulmanos, o pai na fé das três religiões monoteístas do planeta, era um homem bem casado, mas não sem sérios problemas conjugais.

As esposas gostam de ouvir de seus maridos que elas são bonitas. Foi isso que o noivo disse à noiva no poema atribuído a Salomão: “Como você é linda, minha querida!” (Ct 4.1). Abraão fez a mesma declaração a Sara: “Bem sei que você é bonita” (Gn 12.11).

Em dois momentos e lugares diferentes, o casal passou por uma situação muito constrangedora. Exatamente porque a beleza de Sara chamava a atenção de todo mundo, ela foi como que seqüestrada tanto por Faraó, no Egito, como por Abimeleque, em Gerar. A mulher de Abraão só não foi molestada sexualmente por esses dois reis porque Deus protegeu o casal (Gn 12.10-20; 20.1-18).

O problema mais complexo, mais desgastante e mais prolongado, porém, foi provocado por uma precipitação da esposa, dez anos depois de terem abandonado para sempre os parentes e a terra natal, em obediência ao chamado de Deus. Porque nunca engravidava, apesar das promessas de Deus de que teriam uma descendência “tão numerosa como o pó da terra” (Gn 13.16) ou como as estrelas do céu (Gn 15.5), Sara, num repente de entusiasmo e de abnegação, ofereceu ao marido a sua criada pessoal para que ela desse a ele um filho. Então, Abraão foi para o quarto de Hagar, para a cama de Hagar e se deitou com ela, provavelmente mais de uma vez, porque não é todo dia que uma mulher tem condições de engravidar (Gn 16.1-4).

Uma vez grávida do marido da patroa, Hagar começou a se sentir importante e a desprezar Sara. Aí a coisa complicou e muito. Sara brigou com Abraão: “Por sua culpa Hagar está me desprezando” (Gn 16.5, NTLH). Não era bem assim. Todavia Abraão deu total liberdade à mulher e ela passou a maltratar de tal modo a criada grávida, que Hagar achou por bem fugir para o deserto em direção ao Egito, de onde era.

Ali, junto a um poço, o anjo do Senhor (esta é a primeira referência a anjo em toda a Bíblia), apareceu a Hagar e dispensou todo cuidado à fugitiva. Aconselhou-a a voltar para casa e submeter-se à patroa. Disse que ela estava grávida de um menino, a quem ela deveria dar o nome de Ismael, e ainda acrescentou que a criança seria como um jumento selvagem e teria uma enorme descendência. Emocionada, Hagar disse ao anjo: “Tu és o Deus-que-me-vê, pois eu vi Aquele-que-me-vê”. O poço passou a se chamar “Poço daquele que vive e me vê” (Gn 16.13,14, EP).

Sara foi obrigada a conviver com Hagar até o nascimento da criança, quando o marido estava com 86 anos (Gn 16.16). Depois foi obrigada a conviver não só com Hagar, mas também com o menino dela, que era filho de seu marido, por um longo período de tempo (14 anos), até o nascimento de Isaque, o filho da promessa, quando Abraão estava com 100 anos (Gn 21.5). Por último, foi obrigada a conviver com a ex-criada e com o meio-irmão do seu próprio filho até a grande festa do desmame de Isaque, provavelmente três anos depois do nascimento dele,

conforme o costume da época. Foram mais de 17 anos de convivência incômoda para ambas as mulheres e de circunstâncias difíceis para o relacionamento conjugal de Abraão e Sara. A convivência entre as duas mulheres não acabou em beijos e abraços. Hagar e Ismael foram expulsos da fazenda por Abraão a pedido da esposa, só porque na festa do desmame Sara viu Ismael, de 17 anos, rindo de Isaque, de 3 anos. Não foi fácil para Abraão satisfazer o desejo de Sara, que já não se referia a Hagar como “serva” (Gn 16.2), mas como “escrava” (Gn 21.10). “Isso perturbou demais Abraão”, registra o texto sagrado, “pois envolvia um filho seu” (Gn 21.11). No dia seguinte à exigência de Sara, Abraão colocou uma mochila de couro com água e alguns pães sobre os ombros daquela que lhe dera o primeiro de todos os filhos e a despediu. A mãe e o filho foram se afastando cada vez mais da porteira sob o olhar de Abraão até desaparecerem por completo, cena exatamente oposta à da parábola do Filho Perdido, em que o pai se põe junto à porteira para ver o filho se aproximando cada vez mais até poder abraçá-lo e beijá-lo (Lc 15.20).

Abraão e Sara comemoraram bodas de madeira (cinco anos de casamento), estanho (10), cristal (15), porcelana (20), prata (25), pérola (30), coral (35), rubi (40), safira (45), ouro (50), esmeralda (55) e diamante (60). Quase certamente comemoraram também bodas de platina (65), vinho (70), brilhante (75) e outras sem nome. Quando saíram de Ur dos Caldeus (ao norte do Iraque), os dois já estavam casados não se sabe por quanto tempo. Na ocasião, Abraão tinha 75 anos (Gn 12.2) e Sara, dez anos mais nova que ele, 65 (Gn 17.17). O casamento só acabou com a morte de Sara, aos 127 anos (Gn 23.1) – 62 anos depois da saída de Ur, 51 anos depois do nascimento de Ismael e 37 anos depois do nascimento de Isaque.

Abraão, o viúvo da mulher bonita, fez questão de sepultar a esposa na terra prometida, mas ainda não recebida, não em túmulos alheios, porém numa propriedade funerária própria. Ele comprou uma área onde havia uma caverna e um bonito arvoredor, por um preço muito alto (400 moedas de prata, o equivalente a 4,5 quilos do precioso metal), 23 vezes mais cara que a propriedade comprada

por Jeremias em Anatote por 17 moedas de prata (Jr 32.9), muitos anos depois. Conhecida como a Caverna de Macpela, esse lugar tornou-se o cemitério de toda a família. Lá foram sepultados o próprio Abraão (38 anos mais tarde), Isaque e Rebeca, Jacó e Lia (Gn 25.9; 49.29-32; 50.13).

ISAAQUE E REBECA

PROBLEMAS CONJUGAIS PROVOCADOS PELAS NORAS E PELO FAVORITISMO

Isaque, o filho da promessa, era um quarentão quando se casou com Rebeca, neta do irmão de Abraão, residente na Mesopotâmia (atual Iraque). A essa altura, Sara havia morrido três anos antes e Abraão já não era viúvo.

O casamento de Isaque foi precedido de muitos cuidados e muita oração. Os noivos se juntaram certos da inequívoca direção de Deus. Mas Isaque não se ligou a Rebeca apenas porque era a mulher indicada: ele também a amou (Gn 24.67). À semelhança de Sara, Rebeca era “muito bonita” (Gn 24.16) e solícita.

O primeiro problema do casal foi a esterilidade de Rebeca durante os primeiros 20 anos de casamento. Todavia Rebeca não arranhou nenhuma “Hagar” para o marido. Isaque fez questão de

enfrentar a situação adversa por meio da oração. O Senhor ouviu o perseverante clamor de Isaque, e Rebeca engravidou. Quando nasceram os gêmeos Esaú e Jacó, o casal comemorava suas bodas de porcelana (20 anos) e Isaque estava com 60 anos (Gn 25.26).

Houve um episódio desagradável que poderia ter sido evitado se Isaque tivesse aprendido com o erro do pai. Estando muito tempo em Gerar, Isaque espalhou a notícia de que Rebeca era sua irmã. Mas ele se traiu, ao ser flagrado em carícias íntimas com sua esposa pelo olhar indiscreto do rei de Gerar do alto de uma janela (Gn 26.8). Abimeleque estava de olho em Rebeca e queria levá-la para o palácio certo de que ela era irmã, e não esposa, de Isaque.

Porque Rebeca amava mais a Jacó do que a Esaú e porque Isaque amava mais a Esaú do que a Jacó (Gn 25.28), a harmonia conjugal e familiar tornou-se cada vez mais difícil. O casamento de Esaú com duas mulheres hititas no ano em que os pais comemoravam bodas de diamante (60 anos) complicou ainda mais a vida do casal, pois as duas noras “amarguravam a vida de Isaque e de Rebeca” (Gn 26.25). O caldo entornou quando Isaque resolveu abençoar Esaú e não Jacó, e quando Rebeca resolveu enganar o marido em favor de Jacó e em detrimento de Esaú. A família estava dolorosamente partida: de um lado Isaque e Esaú; do outro, Rebeca e Jacó. Os esforços em contrário de um e de outro produziram muita sujeira ética: engano, mentira, trapaça, desrespeito pelas cãs e pela cegueira de uma pessoa idosa, ira, desejo de vingança etc. Para evitar o pior — a repetição do que acontecera com Caim e Abel —, Jacó fugiu para a casa dos avós maternos, na Mesopotâmia, onde viveu muitos anos. Esaú, por sua vez, para agradecer o pai, foi à casa de Ismael, seu tio paterno, e tomou para si mais uma mulher. Chamava-se Maalate e era, como ele, neta de Abraão (Gn 28.1-9). A essa altura, Isaque, que era meio-irmão de Ismael, tinha mais seis meios-irmãos, pequenos, filhos de Quetura, segunda esposa de Abraão (Gn 25.1-4).

JACÓ E RAQUEL

PROBLEMAS CONJUGAIS PROVOCADOS PELAS TRAPAÇAS DO SOGRO, DO MARIDO, DA MULHER E DOS FILHOS

Parece que a Mesopotâmia nunca saiu por completo da cabeça de Abraão e sua família. Afinal ali haviam ficado os parentes comuns do patriarca e de sua mulher. Não havia melhor lugar para arranjar esposa para Isaque e esposa para Jacó. Além de bonitas, as mulheres do clã de Terá, pai de Abraão e descendente distante de Noé, provavelmente conheciam o projeto de Deus para aquele ramo da família que abandonara a região em busca de outras paragens. No caso de Isaque, foi o servo mais velho da casa que viajou até a Mesopotâmia em busca de uma esposa para o filho de seu patrão. No caso de Jacó, ele mesmo foi para a terra de seus avós maternos e de seus bisavós paternos.

RUMO À MESOPOTÂMIA

Porque saiu de casa fugido de seu irmão, depois de ter enganado vergonhosamente o pai e Esaú, e porque ia para uma terra dis-

tante sem ter a menor previsão de quando voltaria, Jacó estava muito emotivo. Ainda bem que recebeu uma injeção da graça de Deus no primeiro pernoite, quando o Senhor lhe prometeu uma grande descendência e a sua companhia.

Ao chegar à Mesopotâmia, viu pela primeira vez sua prima Raquel, que era pastora de ovelhas. Ele mesmo removeu a pedra da boca do poço e deu de beber às ovelhas do tio Labão, num gesto de gentileza com a jovem. Depois beijou Raquel, começou a chorar alto e contou-lhe que ele era filho de Rebeca, a irmã do pai dela. Pouco depois, Jacó já tinha onde morar e emprego certo, graças a Labão, que o abraçou e beijou.

Em menos de um mês, Jacó já havia se apaixonado por Raquel, que era bonita de rosto e de porte. O dote seria pago com serviço. Depois de 7 anos de trabalho, Jacó sentiu-se no direito de receber a mão de Raquel e deitar-se com ela. Mas o sogro o enganou, dando-lhe a filha mais velha, Lia, que tinha olhos meigos. Porque a noiva era guardada velada até a noite de núpcias, Jacó teve relações com Lia na certeza de que estava na cama com Raquel. Só pela manhã, descobriu a astúcia do sogro e foi tomar satisfações com ele. Passada a semana de festas nupciais, Labão deu-lhe também Raquel, sob a condição de trabalhar mais 7 anos em sua fazenda (Gn 29 1-30).

UMA VIDA INFELIZ

Poucos casamentos começam tão mal quanto o de Jacó. Deve ser o cumprimento da lei da semeadora e ceifa: “O que o homem semear, isso também colherá” (Gl 6.7). Pouco antes de ser duramente enganado pelo sogro e por aquela que deveria ser apenas sua prima e cunhada, mas agora era também sua esposa, Jacó enganara vergonhosamente o pai e o irmão. Essa forte propensão para a mentira e o embuste estava no sangue da família de Jacó, pelo lado da mãe, e não poupou nem Rebeca nem Labão nem Jacó nem Lia nem os filhos de Jacó.

Ao que tudo indica, o casamento começou, continuou e terminou mal. Talvez tenha sido esta uma das razões pelas quais

Jacó foi obrigado a confessar ao faraó: “Os anos de minha vida foram poucos e infelizes” (Gn 47.9, EP).

Amando uma mas vivendo a contragosto com duas irmãs com problemas de relacionamento entre elas nunca resolvidos (como os que haviam entre ele e seu irmão gêmeo Esaú), Jacó se viu em papos-de-aranha a vida inteira. Por não ser estéril como a irmã, Lia engravidou quatro vezes seguidas, sempre com a esperança de conquistar o amor do marido, o que se pode ver pelo nome que ela dava aos meninos (Gn 29.31-35). Por exemplo, quando nasceu Rúben, ela disse: “Agora, certamente, meu marido me amará”. Ao nascer o quarto filho, Lia ainda insistiu: “Agora, finalmente, meu marido se apegará a mim, porque já lhe dei três filhos”. Raquel passou a ter inveja da irmã, entrou em desespero e desafiou o marido: “Dê-me filhos ou morrerei!” Irritado, Jacó devolveu: “Por acaso estou no lugar de Deus, que a impediu de ter filhos?” Aí, Raquel deve ter se lembrado da “feliz” idéia de sua tia-avó e “generosamente” ofereceu sua criada particular para ser a terceira esposa do marido. Bila logo engravidou e deu um filho a Jacó. Raquel assumiu a maternidade do recém-nascido e tomou o nome de Deus em vão (tal qual o marido, quando este disse ao pai que o cabrito era a caça que Deus havia colocado no seu caminho), ao exclamar: “Deus me fez justiça, ouviu o meu clamor e deu-me um filho” (Gn 30.6).

LIA E ZILPA VERSUS RAQUEL E BILA

A essa altura, Lia não conseguia engravidar e, porque não queria perder a guerra, fez o mesmo que a irmã e a tia-avó: deu a Jacó a sua criada particular para ser a quarta esposa dele. Zilpa gerou dois filhos seguidos para Jacó, que foram assumidos por Lia.

A guerra familiar não acabou aí; ficou ainda mais suja quando Raquel desejou as mandrágoras (plantas tidas como capazes de favorecer a fertilidade feminina) que eram da irmã e lhe propôs: “Vamos fazer uma troca: você me dá as mandrágoras, e eu deixo que você durma com Jacó esta noite” (Gn 30.15, NTLH). Ao chegar do campo, Lia explicou ao marido que a vez era dela à vista do negócio feito com a irmã. Nessa noite, a filha mais velha de

Labão engravidou pela quinta vez. Pouco tempo depois teve mais uma criança, cujo nome revela seu desejo incontido e inútil de ser amada por Jacó: “Agora dominarei meu marido, pois lhe dei seis filhos” (Gn 30.20, EP).

Só depois do nascimento de dez meninos (seis de Lia, dois de Bila e dois de Zilpa) e de pelo menos uma menina é que Raquel, por obra e graça de Deus, engravidou e deu à luz a José, que seria o mais virtuoso e o mais bem-sucedido dos filhos de Jacó. Alguns anos mais tarde, Raquel deu mais um filho ao marido, cuja alegria foi misturada com uma tristeza muito grande, pois a querida expastora de ovelhas morreu do parto a caminho de Belém, onde Jesus nasceria quase dois milênios depois (Gn 35.16-19).

FILHOS SEM O TEMOR DO SENHOR

Os filhos, nascidos e criados com muita fartura mas com o mínimo de exemplo da parte do pai e das quatro mães, deram muito trabalho e tristeza a Jacó. Um deles, Rúben, o primogênito, teve a ousadia de deitar-se com Bila, a terceira esposa do pai e mãe de dois de seus irmãos (Dã e Naftali), uma mulher muito mais velha que ele (Gn 35.22). Diná, filha de Lia, foi agarrada e violentada por um homem chamado Siquém, filho do chefe de uma das terras de Canaã. Esse crime provocou outro crime: dois irmãos de Diná, por parte de mãe, Simeão e Levi, mataram à traição Siquém, o pai dele e todos os homens daquela região. Além do aspecto moral, essa matança criou uma situação muito perigosa para Jacó, pois atraiu contra ele o ódio dos cananeus (Gn 34.1-21). Judá, o quarto filho, era um sem-caráter. Depois de viúvo, deitou-se, como o pai, com uma mulher que tinha o rosto encoberto, na certeza de que era uma prostituta cultural e a engravidou. Três meses depois, soube que a nora Tamar, também viúva, estava grávida. Sem ainda saber que Tamar era a tal mulher que se fez de prostituta para se engravidar dele, Judá mandou queimar a nora e os gêmeos que estavam no ventre dela. Uma vez exposto ao escândalo, Judá voltou atrás e a mulher foi poupada (Gn 38.1-30).

Uma das maiores tristezas de Jacó foi o desaparecimento de José, o primeiro dos dois únicos filhos da única esposa que ele amou. Era seu filho predileto, o filho de sua velhice (Gn 37.3). O rapaz tinha 17 anos quando foi vendido por seus próprios irmãos para uma caravana de ismaelitas (descendentes de Ismael, filho do bisavô deles por parte de Agar). Seguindo a tradição da família, os autores desse crime mataram um bode, mergulharam no sangue a túnica de José e a mandaram para o pai para que ele mesmo concluísse que o filho fora devorado por um animal selvagem (Gn 37.12-36).

Naturalmente há uma explicação para o fato de que os piores filhos de Jacó foram todos os quatro primeiros filhos de Lia (Rúben, Simeão, Levi e Judá). Eles nasceram de um casamento provocado por uma emboscada, sem amor e carregado de ressentimento. Cresceram em um ambiente de competição, de guerra, sem aproveitar as lições do passado, as experiências dolorosas de seus pais, avós (Isaque e Rebeca) e bisavós (Abraão e Sara).

DA MESOPOTÂMIA AO EGITO VIA CANAÃ

Os 20 anos passados na Mesopotâmia foram muito sofridos para Jacó (é ele quem o diz). Solteiro, nos 7 primeiros anos, e casado, nos últimos 13. Trabalhando para o sogro mais de dois terços do tempo (14 anos) e para ele mesmo apenas 6 anos. A metade do tempo a serviço do sogro foi para pagar o dote de um casamento que ele não pediu nem desejou. A cada 17 meses, o sogro mudava a bel prazer o seu salário. No campo, muito calor de dia e muito frio à noite; em casa, insônia e atrito com as mulheres (Gn 31.28-42). Economicamente valeu a pena, pois Jacó juntou um rebanho de bois e jumentos, de ovelhas e cabras tão grande que poderia aplacar a ira de seu irmão gêmeo, oferecendo-lhe 550 cabeças de gado e mais algumas crias de camelas de leite (Gn 32.13-15).

Provavelmente o melhor período da vida de Jacó foram os 17 anos de velhice que ele passou no Egito sob a proteção de José e do faraó. Apesar de todos os problemas, a família do patriarca

permaneceu unida. O farrancho todo — Jacó, suas mulheres secundárias (Raquel e Lia já haviam morrido), seus filhos e noras e seus netos (33 de Lia, 16 de Zilpa, 14 de Raquel e 7 de Bila) foram residir na região de Ramassés, a melhor do Egito. Ali, ele se reencontrou com José, o filho de seu grande amor, aquele que estava desaparecido havia 13 anos, do qual se dizia que fora morto por um animal selvagem. Aquele que nunca lhe deu trabalho nem dores. Aquele que nunca matou ninguém (ao contrário de Simeão e Levi), aquele que nunca se deitou com Bila nem com Zilpa (ao contrário de Rúben) nem com a nora (ao contrário de Judá), nem sequer com a mulher de Potifar, que se entregou várias vezes a ele (Gn 39.7-15). Aquele que suportou a injustiça alheia (dos irmãos, de Potifar e do chefe dos copeiros do faraó), dos 17 aos 30 anos de idade.

UMA FAMÍLIA UNIDA, APESAR DOS PESARES

Na velhice, Jacó não perdeu por completo a memória. Mesmo doente e no leito de morte, ele reuniu todos os filhos, do mais velho (de uns 60 anos) ao mais novo (de uns 50 anos), e os abençoou um por um, misturando história com profecia. Lembrou-se dos predicaos, dos defeitos, dos escândalos de cada um deles e fez um resumo maravilhoso da vida de José, a “árvore frutífera à beira de uma fonte, cujos galhos passam por cima do muro” (Gn 49.1-33). E então morreu e “foi reunido aos seus antepassados”. Teve o enterro mais longo, mais concorrido e mais sofisticado da história do povo de Deus. Além de todos os familiares (exceto as crianças menores), todos os conselheiros do faraó, as autoridades da sua corte e todas as autoridades do Egito, em carruagens e a cavalo, foram ao sepultamento de Jacó em Canaã (o mesmo trajeto que seria feito muitos anos depois por todos os descendentes de Jacó, por ocasião do êxodo). O corpo embalsamado de Jacó, de 147 anos, foi colocado na caverna de Macpela, no cemitério arborizado comprado por Abraão, onde já estavam seus avós (Abraão e Sara), seus pais (Isaque e Rebeca) e sua segunda esposa (Raquel). (Gn 50 7-14.)

Apesar da guerra familiar, da diversidade das mulheres (esposas e concubinas, mulheres de “primeira classe” e mulheres “secundárias”), da diversidade dos rebentos (filhos “legítimos” e filhos “ilegítimos”) e dos dois crimes sexuais cometidos em família — a família de Jacó foi impressionantemente unida, o que não aconteceu com a família de Isaque e de Abraão!

PARTE 3

CASAMENTO: ENCANTAMENTO COM OBRIGAÇÕES E OBRIGAÇÕES COM ENCANTAMENTO

Podemos ter três visões a respeito do casamento: a visão demasiadamente otimista, a visão demasiadamente pessimista e a visão prudentemente realista.

A VISÃO DEMASIADAMENTE OTIMISTA

É a visão romântica demais, de alguns anos atrás, presente nos enredos de certos romances de amor e de certas novelas. As mulheres falam em “príncipe encantado” e os homens, em “a mulher de meus sonhos” ou “a mulher de minha vida”. As histórias de amor dessa linha focalizam quase sempre apenas a fase de conquista e terminam com a duvidosa e eufórica declaração: “E foram felizes

para sempre”. A esse respeito é oportuno transcrever um parágrafo do artigo “Os casamentos de Charles e ‘jogos subterrâneos’”, do conhecido psicanalista Contardo Calligaris, publicado na *Folha de São Paulo*:

“Romances e filmes de amor, em sua esmagadora maioria, narram as peripécias dos amantes até que consigam se juntar. Depois disso, parece óbvio que eles vivam “felizes para sempre”. Infeliz e freqüentemente, nos consultórios de psicoterapeutas e psicanalistas, a história dos casais depois do cartão-postal inicial é contada em versões bem menos sorridentes”.

Está dentro desse contexto a história do índio Peri e da não-índia Ceci, no romance *O Guarani*, de José de Alencar, escrito em 1857. E também a história dos adolescentes Romeu e Julieta, que se apaixonaram num baile de máscaras em Verona e no dia seguinte se casaram em segredo, já que suas famílias eram inimigas entre si. A peça de William Shakespeare escrita em 1595 termina em tragédia: primeiro Romeu comete suicídio na suposição de que a amada esteja morta; depois Julieta, em face da morte do amado, também se mata.

A desvantagem da visão exageradamente otimista é que os nubentes são muito ingênuos e se casam despreparados. Não admitem dificuldade posterior alguma e não tomam medidas preventivas.

O abandono do romantismo ou do otimismo exagerado talvez tenha ido longe demais. Colocamos na mesma bacia as vantagens e as desvantagens e jogamos tudo fora.

A VISÃO DEMASIADAMENTE PESSIMISTA

Hoje prevalece a visão demasiadamente pessimista do casamento. Em vez de frases românticas, colecionamos ditados e conceitos chocantes: “O amor é eterno enquanto dura”; “Quando a pobreza bate à porta, o amor voa pela janela”; “O amor faz passar o tempo e o tempo faz passar o amor”.

E ouvimos conselhos absurdos: “Se não fosse bobamente moralista, teria tido mais amantes e menos maridos” (Elizabeth

Taylor, atriz); “Hoje o que eu consideraria ideal seria poder ter duas, três, quatro mulheres, amigas, namoradas eventuais, e elas terem dois, três, quatro homens” (José Angelo Gaiarsa, psiquiatra); “Se a gente pensar bem, o casamento nunca foi necessário” (Flávio Gikovate, psicoterapeuta).

Por essa razão, casa-se cada vez menos e cada vez mais tarde. Ao mesmo tempo separa-se cada vez mais (de 81.130 divórcios e 76.200 separações judiciais em 1991 passamos para 129.520 divórcios e 99.690 separações em 2002). Metade dos casamentos na Inglaterra acaba antes de completar 18 meses. Entre os americanos, o índice de divórcio é de 50%. Pela mesma razão, o número de uniões consensuais tem aumentado — das uniões celebradas no ano 2000 no Brasil, 70,5% foram oficializadas, enquanto que 29,5% foram informais.

A VISÃO PRUDENTEMENTE REALISTA

Do ponto de vista cristão, o casamento é uma instituição natural, inaugurada por Deus logo após a criação do homem e da mulher. Une duas pessoas de sexos diferentes para viverem em companhia agradável uma da outra, até que a morte ou a infidelidade contumaz e irreversível de um ou de ambos os cônjuges os separe.

Mesmo fora do meio cristão, considera-se que o casamento é bom para a saúde física e mental e para a vida sexual. Pessoas casadas têm câncer e problemas cardíacos mais raramente e vivem mais, de acordo com a revista alemã *Neus Leben*, que se baseou em dados científicos. Entre os casados, o número de suicídios é menor. Ser casado, conclui a pesquisa, é um dos fatores que mais podem influenciar a felicidade pessoal. E, ao contrário do que se afirma com frequência — que nada é mais prejudicial à realização sexual do que ser fiel a vida inteira, estudos demonstram que pessoas casadas fazem mais sexo do que os solteiros e que a qualidade de vida sexual dos casados é significativamente melhor.

A visão prudentemente realista do casamento não é simplória como a visão demasiadamente otimista e menos negativa do que

a visão demasiadamente pessimista. A Bíblia a exalta sobre estas outras.

Primeiro, a Palavra de Deus valoriza tanto o casamento que em seu cânon há um livro que descreve o amor apaixonado de um homem e uma donzela, que trocam entre si juras de amor e elogios de beleza física e sensual. Trata-se do Cântico dos Cânticos, o mais belo dos 1.005 poemas da lavra de Salomão.

Segundo, logo no primeiro livro da Bíblia, conta-se a história das três famílias da era patriarcal (1900-1600 a.C.), sem se esconder os problemas domésticos de Abraão e Sara, Isaque e Rebeca, e Jacó e Raquel. O trecho todo ocupa três quartos do livro de Gênesis (do capítulo 12 ao 50).

Portanto, que haja um equilíbrio entre o sonho apaixonado do Cântico dos Cânticos e a realidade do dia-a-dia do livro de Gênesis, um balanço entre encantamento mútuo e obrigações mútuas.

É isso que nos leva e nos prende à visão prudentemente realista do casamento. Tem razão aquele que acrescentou à passagem do Cântico dos Cânticos “o amor é tão forte como a morte” (Ct 8.6) estas palavras: “mas tem a fragilidade do vidro”!

FELICIDADE E FIDELIDADE NO CASAMENTO — O QUE É MAIS IMPORTANTE?

A pesar da origem divina, da beleza e da bênção do casamento, ele não é um relacionamento fácil. Aliás, é muito difícil. As muitas separações e os muitos divórcios, bem como a tendência cada vez maior de uniões temporárias e informais, sem compromissos mútuos, o comprovam. O casamento parece muito simples e muito fácil na fase de descoberta da pessoa amada. Parece muito fácil nas fases seguintes de aproximação progressiva (namoro, noivado e casamento), na lua-de-mel e nos primeiros anos de vida conjugal.

O casamento é difícil por várias razões, especialmente por causa das diferenças entre os cônjuges. São duas pessoas de *sexos diferentes* — fisiologia diferente, sentimentos diferentes, momentos críticos diferentes, emoções diferentes. São duas pessoas de *temperamentos*

diferentes — não há duas pessoas iguais nem entre aquelas que têm o mesmo pai e a mesma mãe, e a mesma educação. São duas pessoas de *históricos diferentes* — até mesmo quando são da mesma raça, da mesma religião, da mesma pátria, da mesma cultura e do mesmo nível socioeconômico.

Um cônjuge não pode submeter o outro. Nem o homem nem a mulher. Ambos precisam aprender a arte de conviver — “viver em comum com outrem em intimidade, em familiaridade” (Aurélio), viver *com* ou *ao lado* do cônjuge. Ninguém precisa ter medo de ler os deveres conjugais apontados por Paulo em Efésios 5.22, 33. Nem as mulheres, nem os homens, nem os pastores, a não ser que a leitura seja machista (problema antigo) ou feminista (problema moderno). Paulo é muito equilibrado e combina a submissão feminina com o amor masculino, ou este com aquela. Gasta duas vezes mais palavras com o marido que com a esposa. E a referência para ambos é o casamento de Jesus Cristo com a Igreja.

Os ministros religiosos que celebram casamento precisam mudar o discurso de anos a fio. Temos enfatizado mais a fidelidade do que a realização pessoal dos cônjuges. É nosso dever dar a mesma importância à fidelidade e à felicidade, pois uma leva à outra e vice-versa. A felicidade conjugal torna quase impossível o adultério, e a fidelidade conjugal torna quase impossível a abertura de feridas de cura demorada e sofrida.

A ORAÇÃO E OS PROBLEMAS CONJUGAIS

Não só de amor e sexo viverá o casal, mas também de oração, de muita e sábia oração. É mais necessário aprender a orar do que aprender a dormir com o cônjuge. Marido e mulher precisam aprender a orar juntos e a sós. Alguém acrescentou à passagem de Cântico dos Cânticos de Salomão de que “o amor é forte como a morte” (Ct 8.6) as palavras “mas tem a fragilidade do vidro”. Isso nunca esteve no texto bíblico, porém, todos devemos confessar que expressa alguma verdade.

O amor está em baixa hoje em dia. Não se acredita muito nele. Dizemos uma porção de provérbios que encostam o amor na parede, como vimos na “visão demasiadamente pessimista”. No entanto, há ditados mais otimistas. Aqui está um exemplo: “Onde manda o amor, não há outro senhor”. O mais equilibrado de todos declara que “o amor antigo não enferruja, e, se enferrujar, limpa-se”. É aí que entra a oração — para limpar a ferrugem do amor, para acabar com a ferrugem do matrimônio.

A licença para termos a ousadia de nos dirigir a Deus em oração vem do próprio Deus. É Ele que tomou a iniciativa de abrir esse canal de comunicação entre o totalmente pecador e o totalmente santo, por meio do sacrifício expiatório de Jesus Cristo. Ninguém pode se esquecer da promessa de Deus: “Se você me chamar, eu responderei” (Jr 33.3, BLH). Nem da repetição disso nas palavras de Jesus: “Peçam e receberão, procurem e acharão, batam e a porta se abrirá” (Mt 7.7, BLH). Nem da observação óbvia de Tiago: “[Vocês] não conseguem o que querem porque não pedem a Deus” (Tg 4.2, BLH).

A oração tem de ser precisa, consciente e fervorosa. Tiago cita um exemplo: “Se alguém *tem falta de sabedoria*, peça a Deus, e Ele dará porque é generoso e dá com bondade a todos” (Tg 1.5, BLH). No lugar da palavra *sabedoria*, posso colocar um monte de outras palavras, como, por exemplo: “Se alguém, cujo matrimônio se enferrujou, peça a Deus, e Ele desenferrujará o amor”.

Somos acostumados e incentivados a pedir apenas bênçãos mais simples e com sabor mais materialista, como saúde, melhor condição financeira, acumulação de bens de consumo etc. Mas não oramos, pelo menos com a mesma frequência, para acabar com as mágoas conjugais, com os conflitos conjugais ou com o desânimo conjugal. Não oramos contra a ferrugem e deixamos que ela destrua o casamento.

Seja qual for o problema, em qualquer área, em qualquer circunstância e em qualquer momento, é contra esse problema que precisamos orar, a sós ou juntos. Precisamos ter coragem de orar sobre situações tremendamente complexas, tais como a perda do primeiro amor, fantasias sexuais fora do casamento, dificuldades no relacionamento sexual, ciúmes, monotonia, impaciência, orgulho, mau caráter do cônjuge com o qual se vive, desejos adúlteros e daí por diante.

Se contamos todas essas dificuldades a um psicoterapeuta, por que não podemos contá-las ao próprio inventor do casamento?

O servo de Abraão pediu a Deus que o ajudasse a localizar a esposa de Isaque entre os parentes da Mesopotâmia (Gn 24.12-14). Isaque orou por vinte anos para Deus pôr fim na esterilidade de

Rebeca (Gn 25.19-21). Ana orou por sua esterilidade e por seus aparentemente insolúveis problemas domésticos(1 Sm 1.9-18). A todos Deus ouviu na hora certa.

É assim que precisamos orar para destruir os pontos de ferrugem que estão aqui e ali, com precisão, com humildade, com insistência, com fé.

A prática da oração não deixa o vidro quebrar nem a ferrugem tomar conta daquilo que, um dia, foram os nossos mais felizes e emocionantes momentos!

Sobre o autor

ELBEN M. LENZ CÉSAR é diretor-fundador da *Editora Ultimato* e redator da revista *Ultimato*. É autor de, entre outros, *Práticas Devocionais, Refeições Diárias com Jesus, Para (Melhor) Enfrentar o Sofrimento e Por Que (Sempre) Faço o Que Não Quero?*.



Caixa Postal 43 | 36570-000 | Viçosa-MG
Tel.: 31 3611-8500 | Fax: 31 3891-1557
www.ultimato.com.br